

Editorial

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E FILOSOFIA

As coisas que são ditas folhas adentro, neste número de **Reflexão**, fazem o pensamento saltar da fala filosófica para a fala científica e, de volta, da fala científica para a fala filosófica, contrapontualmente, sem que se atinja o silêncio da resolução. Na melhor das hipóteses, uma simples pausa...

Proponho que os materiais se organizem sob a forma da Sonata. Não que eles assim estejam dispostos. Mas que o leitor, freqüentador de Kant, sabedor de que o conhecimento só acontece quando o sujeito, como artesão, modela os materiais segundo as formas que ele mesmo propõe, comece a folhear a revista como se fora compositor, já possuído por três temas.

Primeiro tema, "Allegro con brio." Mural do Massachusetts Institute of Technology, lugar onde os filósofos andam pelos cantos, falando baixo, rabo no meio das pernas, espantados pelas passadas firmes, onipotentes e onipresentes dos tecnocratas e engenheiros, mundo dependurado nas maravilhas da ciência, cibernética e projéteis balísticos intercontinentais, tudo é possível, mural em que a presunção virou tinta, o otimismo tomou forma. É muito alto, dois andares, talvez. No refeitório. Talvez para substituir as tradicionais preces de ações de graças pela comida. Ícone. Lá no alto, no centro, a deusa ciência, com aquela beleza clássica imperturbável. Logo abaixo, cientista em veste sacerdotal, branca, avental de laboratório, cabelos brancos como convém aos sábios. À esquerda, o mundo sinistro das trevas, o lobo e a bruxa, a miséria humana. À direita, a abundância, derramando-se, na mistura da luz e da cor, como frutos, espigas e sorrisos. Quase ao chão, a congregação dos fiéis, sacerdotes sem ser sumos, cientistas comuns, no mesmo culto, repetindo o mesmo credo, segredo da coisa toda: "... e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal..."

Segundo tema, "Adagio. Grave soturno."

"O destino de uma época que comeu da árvore do conhecimento é saber que ela não pode aprender o **sentido** do mundo, a partir dos resultados de sua análise, por mais perfeita que seja." Sabedoria de Weber. Em outras palavras. Saber é coisa que a ciência pode produzir. Mas, por mais que o saber aumente, ele não se metamorfoseia em amor. Ciência e sapiência (conhecimento com gosto bom !), por mais que se pareçam, não habitam o mesmo mundo...

Terceiro tema, "Finale. Presto."

Camus. Sísifo. "Galileo, que possuía uma verdade científica de grande importância, abjurou-a sem grandes problemas, tão logo sua vida foi

ameaçada. E, de certa forma, fez o que era certo. Aquela verdade não valia a fogueira. Se a terra ou o sol giram, um em torno do outro, é uma questão profundamente indiferente. Por outro lado eu vejo muitas pessoas morrer porque julgam que não vale a pena viver. Outras, paradoxalmente, são mortas por idéias ou ilusões que lhes dão uma razão para viver...”

E vai assim a nossa fala, saltando de um lado para o outro, sem que a Sonata chegue a um acorde final. E os temas e contratemas se entrelaçam num contraponto sem fim: ciência/sapiência, saber/sentido da vida, poder/amor... Ao leitor cabe acrescentar sua própria variação...

A REDAÇÃO